



DIÓGENES: UM PARALELO ENTRE IRONIA E LIBERDADE

George Felipe Bernardes Barbosa Borges
Mestrando / Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Neste artigo trataremos da relação entre ironia e liberdade, para corroborar ainda mais a tese de que a ironia é um componente filosófico importante da prática cínica. É sabido que o cinismo foi uma escola filosófica que presava, principalmente, pela oralidade e pela prática, sendo assim, chegou até nós pouco material para a análise do discurso filosófico cínico. O que temos em mãos são relatos de outros autores sobre o cinismo. Nesses relatos temos principalmente narrativas sobre as ações excêntricas e intrépidas de Diógenes. Em tais anedotas encontramos muitos traços de ironia, a ponto de termos uma boa margem para afirmar que os cínicos fizeram grande uso dessa arte em sua maneira de pensar, transmitir e praticar a filosofia. Além da ironia, a liberdade parece como outro aspecto importante da escola, dado que a virtude cínica necessária para uma vida feliz é a *αὐτάρκεια* – independência de objetos exteriores, liberdade, autonomia. Procuramos demonstrar como Diógenes estrutura o seu discurso e prática filosófica fazendo quase sempre uso da ironia de modo a buscar e garantir liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Diógenes, Cinismo, Ironia, Liberdade.

ABSTRACT: In this article, is about a relation between irony and freedom, to further corroborate a law on which is an important philosophical component of cynical practice. It is well known that cynicism was a philosophical school which was mainly based on orality and practice, and so little material has come to us for an analysis of cynical philosophical discourse. What is the case with other things about cynicism. In these accounts, the main narratives on the eccentric and intrepid actions of Diogenes. In such anecdotes we find many traces of irony, a point of having a good margin to affirm that users of any kind use, transmit and practice philosophy. Besides irony, a freedom seems like another important aspect of the school, since the cynical virtue required for a happy life is *αὐτάρκεια* - independence of exterior objects, freedom, autonomy. We try to demonstrate how Diogenes structures his discourse and philosophical practice almost always by using irony in order to seek and guarantee freedom.

KEY-WORDS: Diogenes, Cinism, Irony, Freedom.

Introdução

Pouco se fala na bibliografia filosófica brasileira sobre o cinismo. Menos ainda são as considerações acerca das anedotas de Diógenes. Além de um relevante aspecto filosófico que cada *chreia*¹ traz consigo, há também, imerso nesse universo particular de Diógenes de Sinope (404-323 a.C), uma grande referência ao humor e principalmente à ironia, uma herança socrática. Neste pequeno artigo vamos nos debruçar ante algumas anedotas selecionadas e buscar analisar como e por que o cinismo articulou tão bem as noções de ironia e liberdade em sua prática filosófica.

A ironia que tratamos aqui é vista como uma técnica de dissimulação, onde o irônico se coloca na posição de alguém que não sabe. A etimologia da palavra nos fornece essa ideia: ironia vem do vocábulo grego *eiróneúomai*, fingir, disfarçar. Nesse sentido, na esteira do que afirmou Adriano Facioli (2010), a ironia pode se expressar em uma abstração que releva contradição ou ambivalência.

Segundo as considerações de Facioli, a ironia pode ser classificada em dois níveis: observável e instrumental. A observável é quando não há um agente que pratica a ironia ativamente, isto é, quando o contexto da situação é irônico. A título de exemplo, Facioli cita a lenda de Édipo². Já o segundo tipo de ironia, que podemos associar mais facilmente a Diógenes, é a instrumental, na qual encontramos uma figura praticando a ironia frequentemente.

O objetivo da ironia – e por isso se alinha com o que pretende Diógenes –, é que ela deva ser compreendida. Isto é, para que a ironia se configure uma ironia, ela deve ser entendida enquanto ironia. Caso isto não ocorra, a frase pronunciada pelo ironista será apenas um enunciado propositivo.

O fato de que a ironia “codifica erroneamente” ou apresenta duas realidades opostas como verdadeiras não implica que seu propósito deva ser o de enganar: diferentemente do engano, em que o contraste entre os dois níveis pretende esconder um sentido verdadeiro, a ironia

¹ As *chreiai* são história, anedotas, contos, que, apesar de não ter um peso histórico relevante, isto é, apesar dos comentadores não conseguirem cravar a veracidade dos fatos atestados, ilustram a vida e a filosofia de determinados filósofos. Desta forma, no âmbito cínico, as *chreiai* cumprem seu propósito, que é o de “propagar sua filosofia numa cultura que permanecia predominantemente oral”. (BRANHAM, 2007, p. 100)

² “A situação, por exemplo, de um ladrão que é roubado; ou de Édipo, que passa boa parte de sua vida a fugir de seu destino, previsto pelo oráculo, e acaba por se colidir tragicamente com o mesmo” (FACIOLI, 2010, p. 32).

tem a intenção de ser entendida, e o reconhecimento do real sentido, ou melhor, do fato de que há um real sentido diferente daquele que está sendo enunciado, é essencial para a obtenção do efeito irônico completo. (MATEO, 2010, p. 199)

Por sua vez, a ironia insere-se praticamente em todas as situações em que Diógenes se apresenta a um interlocutor ou as multidões no mercado ou na ágora. Isto porque, como explica Facioli, “ocorre ironia sempre que temos um contraste” (FACIOLI, 2010, p. 32). Esse contraste seria “entre aparência e realidade, entre dois eventos (o esperado e o ocorrido) ou entre duas realidades díspares” (FACIOLI, 2010, p. 32). E como iremos ver, Diógenes busca perpetuamente tal contraste em sua prática filosófica.

O cinismo, escola filosófica de Diógenes, foi uma corrente de pensamento do período helenístico. Antístenes (445-365 a.C) um dos precursores³ do cinismo juntamente com Diógenes⁴, foi um dos discípulos menores de Sócrates (469-399 a.C). E como uma escola socrática, os filósofos de Cinosarges⁵ ecoaram algumas das principais teses do mestre de Platão. Tal como Sócrates, os cínicos conservam grande interesse na existência humana, sobretudo na felicidade⁶. Ademais tanto Sócrates quanto os cínicos são famosos por não escreverem nada, tudo que se sabe sobre a filosofia deles fora escrito com a pena de outros autores, narrando suas façanhas. No entanto, o que nos interessa e vai nos deter é a ironia, descendente desta distinta linhagem.

Como enunciamos acima, o objeto de estudo do cinismo é a existência humana, que anseia pela felicidade. Essa busca pela felicidade começa no entendimento da verdadeira natureza humana – natureza racional. E como aponta Reale, “natureza e

³ No tocante da fundação da escola cínica, por muito tempo acreditou-se, seguindo a tradição de Diógenes de Laercio, que Antístenes fosse o fundador do cinismo. Nos dias de hoje isso é extremamente questionado: “Pode-se supor que os primeiros estoicos tenham propagado rapidamente tais histórias, determinados como estavam a associar seu fundador a Sócrates. Por essa razão eles tornaram pública a sucessão filosófica Sócrates, Antístenes, Diógenes, Crates, Zenão.” (LONG, 2007, p.39).

⁴ Atualmente é contestável que Antístenes e Diógenes tenham se encontrado realmente. Supõe-se que Diógenes tenha conhecido o discípulo de Sócrates “no início de sua maturidade, ou seja, não depois de 366 a.C, a data mais tardia mencionada para Antístenes nas fontes” (NAVIA, 2009, p.44).

⁵ “O Cinosarges foi um ginásio e um largo situado fora das muralhas de Atenas, do lado leste, próximo ao portão de Diomeia. [...] Sabemos também que o Cinosarges era frequentado por não cidadãos, estrangeiros e, em especial, por certa classe de atenienses conhecida como os *nóthoi*, isto é, pessoas de nascimento espúrio, ou bastardos, como se depreende a partir de Demóstenes.” (NAVIA, 2009, p. 82)

⁶ Outra curiosa asserção sobre Sócrates e o cinismo, mais especificamente, Sócrates e Diógenes, é a comparação que Platão fez, chamando o Cão de “Sócrates demente” (LAERCIO, 2008, p. 165).

liberdade, longe de estarem em antítese, paradoxalmente pareciam coincidir” (REALE, 2006, p. 27).

No cinismo de Diógenes, há dois tipos de liberdade. A liberdade de falar (*parrhesía*) e a liberdade de agir (*anaídeia*). Em ambos os tipos de liberdade cínica notamos traços bem característicos de uma ironia agressiva que, como iremos demonstrar ao longo do texto, tem como princípio e objetivo a manutenção e prática da própria liberdade.

Diógenes e o cinismo

Diógenes foi um filósofo cínico, nascido em Sinope, uma importante cidade portuária que ligava o ocidente com o oriente. Filho do banqueiro Hicésio, especula-se que ele teria sido exilado da sua cidade natal por falsificar as moedas⁷. Diógenes, após o episódio, chegou a Atenas e foi discípulo de Antístenes. Em Atenas, cidade que representava toda a sofisticação e a racionalidade do mundo grego, foi onde Diógenes começou sua saga.

Nesta primeira parte do texto, em que vamos nos familiarizar com as características gerais de Diógenes, pelas quais ele ficou conhecido através dos tempos, já podemos identificar a ironia.

Quando falamos em Diógenes, logo nos lembramos de como ele era conhecido: “o Cão”. Esse apelido lhe foi dado por seus contemporâneos por causa de suas repetidas ações inconsequentes. No entanto Diógenes acatou muito bem o escárnio de seus interlocutores incrédulos, e fez jus à sua alcunha;

[...] quando Platão chamou-o de cão, Diógenes concordou com ele, acrescentando que isso era verdadeiro em vista de seu hábito de permanecer junto aos que o tem traído. [...] Também quando, lançando insultos sobre ele, alguns garotos chamaram-no de cão,

⁷ Em uma das versões ele e seu pai desfiguraram a moeda, dado que seu pai era, o que os gregos chamam de banqueiro ou cambista, e fazia operações monetárias. No que concerne essa teoria, conta-se que “o nome ΙΚΕΣΙΟ (Hicésio) aparece em muitas moedas sinopenses entre 370 e 320 a.C. Era o costume de então que o gravurista pusesse seu nome nas costas da moeda, ao passo que o selo ou o emblema da cidade de origem aparecia na frente. [...] Além do mais, as moedas, tanto sinopenses como persas, mostram sinais de adulteração ou corrupção intencional, o que sustenta as versões que supõem que Hicésio e, possivelmente, seu filho estiveram de fato engajados em um esforço para colocar grandes quantidades de moeda fora de circulação” (NAVIA, *Diógenes, o cínico*, 2009, p. 33). Outra versão conta que Diógenes fez tal operação sozinho e foi banido por isso. “Em outro, ainda, o jovem, que tinha falsificado ou adulterado as moedas, temendo ser apanhado, abandonou voluntariamente a cidade para esquivar-se do processo” (NAVIA, 2009, p. 31).

reagiu com este comentário: ‘não fiquem com medo, garotos, cães não comem frutinhas’. (NAVIA, 2009, p. 70)

Navia também lembra de outro caso, quando Diógenes foi a um banquete:

Em outra ocasião, quando, numa festa, a gente principiou a atirar-lhe ossos, exatamente como fariam a um cão faminto, fez Diógenes o que fazem os cães quando e onde quer que sintam necessidade: urinou neles, como se quisesse frisar seu caráter canino e estivesse ávido para pôr em prática sua convicção de que as necessidades naturais devem prevalecer sobre as convenções, costumes artificiais e normas. (NAVIA, 2009, p. 71)

Nas anedotas sobre como Diógenes reagia ao seu apelido podemos encontrar traços de uma ironia observável, na qual o agente, que se utilizou primeiramente da ironia, sofre em sequência com ela própria. A reação propriamente não configuraria uma ironia observável, mas, como iremos ver a seguir, todo o contexto da situação sim.

Em uma das cartas apócrifas⁸, mais precisamente na carta 26, que Diógenes enviou para Crates⁹, ele faz curiosas asserções sobre os apetrechos que um cínico deve ter sempre em mãos:

Lembre-se que eu incitei-te à pobreza perpétua da vida. Tente não deixa-la de lado e nem permitir que ela lhe seja tirada por alguém. Já que é provável que os tebanos voltem a cercá-lo julgando-o infeliz. Mas quanto a ti, consideras o manto esfarrapado uma pele de leão, o bastão uma clava, e a sacola como a terra e o mar, a partir do qual és alimentado. Assim o espírito de Hércules, mais poderoso do que toda sorte da fortuna, despertarás em vós. (in, 1977, p. 119, tradução nossa)

Diógenes tenta convencer seu discípulo Crates a continuar a viver da mesma forma que ele vive, usando apenas um bastão, um manto velho e uma sacola. Ao comparar seus reles apetrechos com a clava de Hércules, com a pele inexorável do leão de Nemeia, e sua sacola com a própria natureza, estes são elevados a níveis que à

⁸ Diógenes de Sinope teria escrito 51 cartas e as destinado para vários remetentes. Hoje há um consenso de que nenhuma delas foi feita de próprio punho pelo filósofo cínico. Algumas são escritas 400, anos depois da morte do Cão, ou seja, são todas apócrifas. Mas isso não tira o mérito de seu conteúdo, que expõe princípios genuinamente cínicos.

⁹ Crates foi discípulo de Diógenes de Sinope. Este, que, aliás, destinou cinco (6, 9, 11, 12 e 26) das 51 cartas apócrifas para Crates. Dentre as cinco cartas, quatro pertencem ao que Capelle chama de grupo 1, isto é, pertencem a um mesmo autor e são escritas de forma anedótica. A carta 6 é a única que o estudioso coloca no grupo 2, atribuindo a autoria a um autor diferente. Segundo os estudiosos, o cinismo teria se esgotado com os dois cínicos mais autênticos: Diógenes, marcado por suas loucuras, e Crates, em quem “o cinismo assumiu um tom de calorosa humanidade e de filantropia, totalmente ausente em Antístenes e em Diógenes. Ele estava sempre pronto a dar bons conselhos aos que necessitavam; antes, amiúde não esperava que os outros lhe pedissem, mas por sua própria iniciativa dirigia-se aos que dele precisavam. A sabedoria dos seus conselhos e o modo afável com que os dava eram tais que, para ele, nenhuma porta de qualquer casa se fechava, tanto que foi apelidado o ‘abridor de portas’” (REALE, 2006, p.39).

primeira vista são completamente assimétricos e, sendo assim, inigualáveis. E continua com sua argumentação, nivelando os seres humanos – nesse caso Crates e ele próprio – com figuras mitológicas, filhos de deuses.

Em outra carta apócrifa, que ele envia a sua mãe, tentando, de certa forma, tranquiliza-la, também podemos encontrar os mesmos vestígios do tipo de ironia contida na correspondência destinada a Crates.

Não se queixe aos meus companheiros, Olímpia, sobre meu uso de um manto desgastado e sobre minha mendicância de farinha de cevada em volta das pessoas. Pois isso não é vergonhoso, e nem, como tu afirmas, comportamento suspeito para homens livres. Pelo contrário, é nobre e pode ser uma arma contra as aparências que guerreiam contra a vida. Doravante, não aprendi essas lições com Antístenes, mas em primeiro lugar, com os deuses, heróis e aqueles que converteram a Grécia para a sabedoria, como Homero e os poetas trágicos. Pois disseram que Hera, a esposa de Zeus, depois de ser transformada em sacerdotisa, tomou este tipo como modo de vida, coletando esmolas para as “ninfas da primeira, nobres deusas, descendentes vivas de Inaco, o rio Argive”. E esse Télefo, filho de Hércules, quando veio a Argos, apareceu em um estado muito pior que o nosso, com mendigos jogando trapos em volta de teu corpo para ajudar contra o frio. E Odisseu, filho de Laertes, voltou de Troia para casa com um manto rasgado, coberto de sujeira e fumaça de cozinha. Agora, minha roupa e minha mendicância ainda parecem vergonhosas ou são nobres e admiráveis devendo ser usadas por qualquer pessoa sensível em nome da frugalidade? (in, 1977, p. 143, tradução nossa)

Diógenes ressignifica a noção de mendicância, tida pelas convenções da sociedade como condição em que se vive com vileza, incapacidade de se manter, dependência. Utilizando novamente a figura dos deuses e dos heróis gregos, Diógenes confere a sua atual situação uma nobreza e dignidade que um cidadão que leva uma vida comum na *polis*, ou até mesmo um rei, vivendo em seu grande palácio, jamais poderá atingir. No fundo, o que o Cão simplesmente quer dizer é: “É possível ser feliz vivendo deste modo. Vocês não percebem que fracassaram com o luxo e com a opulência? Eu estou lhes oferecendo uma nova alternativa, que nem tão nova é, os deuses, heróis e antigos sábios já viveram assim”.

Não há nessas situações algo que veremos ao longo do artigo em algumas outras anedotas e cartas de Diógenes, uma ironia instrumental, na qual se reconhece o ironista. E sim, há uma ironia, que Adriano Facioli chama de observável.

Diógenes quis conciliar duas realidades totalmente distintas, produzindo uma quebra de sentido, criando o improvável em sua reflexão, donde podemos extrair a ironia. O filósofo cínico faz uso da ironia como um recurso retórico para convencer

Crates de seu ponto de vista, sempre tendo todo um contexto cultural, e agora, em nível cínico, filosófico, lhe servindo de pano de fundo.

A ironia também tem um componente imprescindível à sua inteligibilidade: o contexto. É talvez a mais ambígua das figuras de linguagem, uma vez que, se mal interpretada, pode levar o interlocutor a ter a impressão rigorosamente oposta a que se queria dar. (ALCSELARD, 2009, p. 8)

Brincando com o contexto, parte importante do discurso ou de uma situação na qual há ironia, faz uso da ironia observável de maneira genial. Desse modo, utiliza das vantagens da ironia no campo na qual ela se afirma, por excelência, isto é, o campo filosófico.

A ironia é, no dizer de Esteves (1997), o “exercício de uma racionalidade multiforme, que se multiplica em associações e relações”. Trata-se de uma inteligibilidade precária, uma vez que não afirma mas duvida sempre, filosófica por excelência. (ALCSELARD, 2009, p. 8)

Os discursos de Diógenes, sejam eles gestuais (*anaídeia*) ou falados (*parrhesía*), são formulados por uma racionalidade muito aguçada, de um homem que tem uma visão única da sociedade em que está inserido.

Quando Diógenes é representado em uma anedota, ele é representado permanentemente como um ironista; e é quando entra em cena a ironia instrumental, uma ironia específica, feita por um agente com algum propósito. No caso específico de Diógenes, esta ironia instrumental já se insere em um ambiente, tal como conferimos, anteriormente irônico e observável.

Ironia como *modus operandi*

A ironia instrumental de Diógenes revela os aspectos éticos da filosofia cínica, os gestos e as pequenas e agressivas asserções faladas pelo filósofo são o modo que ele transmite os valores de sua escola – como enunciamos no início do texto, tal prática cínica está alinhada com a própria prática da ironia, afinal, o cínico e o ironista querem ser entendidos.

Diógenes utiliza-se do expediente de um tipo de ironia instrumental que explica o tom de agressividade quando ele vem a público ensinar sua filosofia: a ironia *non-sense* ou paradoxal.

O bom senso está voltado para a atribuição de uma direção única, partindo-se do mais diferenciado para o menos diferenciado (do passado para o presente e futuro) e age em função da previsão. O bom senso opera recortes sobre o real, pois deve fornecer uma diretriz. O

senso comum opera segundo uma fixação ainda maior, pois visa dar corpo, órgão, unidade, e não somente direção para o sentido. O bom senso sustenta a existência de um sentido determinável para as coisas do mundo. (FACIOLI, 2010, p. 72)

Seus atos são paradoxais em medida que vão contra a opinião comum, ou do famoso bom senso humano, que Descartes também ironizou alguns séculos depois, em um tom mais bem comedido do que o de Diógenes¹⁰. Como examinou Facioli, são essas duas empresas que conferem alguma legitimidade à nossa realidade [bom senso e senso comum], e é isso que Diógenes quer combater. Isso não significa dizer que tais valores do senso comum, como a moralidade, seja má em si mesma, a lição que Diógenes quer nos deixar é que seu modo de agir, sua naturalidade, que mesmo beirando a animalidade, pode não ser totalmente imoral; pelo contrário, “é bem possível que a moralidade seja uma coisa boa, mas a naturalidade também é” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 160), eis o que o Cão quer que entendamos.

Por isso quando analisados as *chreiai* de Diógenes do ponto da vista da ironia e da filosofia caímos num aspecto irremediavelmente ético.

Certamente, tal prática tem de ser embasada em certas ideias e convicções, já que, de outro modo, ela seria apenas uma coleção sem sentido de ações sem significado. Entretanto, é a prática de tais ações, isto é, a efetivação das ideias, que dá estrutura e significado ao cinismo. (NAVIA, 2009, p. 86)

Luciano, em uma anedota¹¹, traz um bom exemplo de articulação da liberdade e ironia; ele conta que, quando Corinto, prestes a ser atacada pelos macedônios, se organizava para defender sua soberania, Diógenes simplesmente rolava seu tonel de para cima e para baixo.

Irônica e sarcasticamente, Diógenes imita as atividades sem sentido das pessoas a sua volta, ridicularizando a estupidez da guerra e do nacionalismo e denunciando por meio da ação a azáfama néscia que tanto caracteriza a existência humana. Ao passo que os demais se preparavam para a guerra, ele rolava seu tonel a esmo como se

¹⁰ “Inexiste no mundo coisa mais bem distribuída que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem provido dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem” (DESCARTES, 1999, p. 35).

¹¹ “Quando chegaram notícias em Corinto de que Felipe e os macedônios se aproximavam da cidade, toda população mergulhou em um frenesi de atividade, alguns, preparando as armas, transportando pedras ou remendando as fortificações, ou reforçando a muralha- todos se fazendo úteis à proteção da cidade. Diógenes, que não tinha o que fazer e a quem ninguém estava disposto a perguntar coisa alguma, tão logo se deu conta da faina dos que estavam a sua roda, pôs-se subitamente a rolar seu tonel para cima e para baixo do *Kráneion*, com grande dispendido de energia. Quando lhe perguntaram por que fazia aquilo retrucou: “só para fazer-me parecer tão atarefado quanto o resto de vocês”. (NAVIA, 2009, p. 50)

dissesse: “o que faço é tão sem sentido quanto o que fazeis”. (NAVIA, 2009, p. 50)

Nessa anedota ele utiliza a ironia instrumental no âmbito gestual e falado. Tal ação é ética na medida em que Diógenes se coloca fora do ambiente patriótico, e vai além, questionando ainda os hábitos dos exemplares concidadãos de Corinto.

Há também outro elemento importante contido nas anedotas que contêm ironia instrumental, a saber, uma carga passional, porque quando Diógenes se utiliza da ironia, ela invariavelmente produzirá *pathos* no interlocutor, seja em forma de riso ou em desconforto¹².

O argumento irônico injeta paixão ao lógico, recria subjetividades e expõe o ético. Nenhuma ironia, aliás como todas as figuras de estilo, na sua intencionalidade argumentativa, escapa à manifestação do passional e do ético, enquanto reveladora da presença de sujeitos e da sua relação consigo próprios, com os outros e com o mundano. (ESTEVES, 2009, p. 69)

Segundo os estudiosos de comunicação, há três tipos de discurso, o locutório, o ilocutório e o perlocutório.

De acordo com Searle e Austin, palavras e orações são atos da fala com uma força locucionária (um sentido proposicional), uma força ilocucionária (que podem ser uma pergunta, uma ordem,...) e uma força perlocucionária (que tem a intenção de causar uma reação no ouvinte). (MATEO, p. 200, 2010)

Ao fazer uso da ironia *non-sense* para a quebra de realidade, também lança mão o discurso perlocutório, chocando seus interlocutores e fazendo-se ouvir. A título de exemplo temos a situação em que Diógenes brinca com seu interlocutor e despeja nele uma grande carga emocional, é na anedota entre Perdicas e o Cão.

Em outra ocasião Perdicas ameaçou-o de morte se não fosse à sua presença. Diógenes respondeu: “Nada há de extraordinário nessa ameaça, pois até um escaravelho ou uma tarântula poderiam matar-me.” Em vez disso ele acharia natural que a ameaça fosse no sentido de que Perdicas poderia viver perfeitamente feliz sem a sua companhia. (DIÓGENES, 2008, p. 163)

Nesta *chreia*, o compilador Diógenes de Laércio mostra Diógenes, o cínico, muito despreocupado com um possível atentado feito a sua vida, por um dos generais do

¹² Este é um aspecto bastante problemático no pensamento de Diógenes, que merecerá nossa atenção em outra ocasião. Em duas medidas: 1) ele se declara um como um general contra as paixões - “E caso esteja tentando subjugar as paixões humanas, chame-me, pois eu posso guerrear contra elas como um general” (in, *The cynic epistles: A study edition*, 1977, p. 97, tradução nossa); 2) ao mesmo tempo que ele afirma isso, utiliza de um discurso passional, a ironia, que provoca *pathos* em seus interlocutores.

poderoso imperador Alexandre. Diógenes se sente tão desprezado que brinca até com um tema limite para o homem – a morte. Isso não quer dizer que sua vida não tenha nenhum valor, pelo contrário, em seguida, Laércio comenta o valor que ele se dá. O filósofo usa a ironia neste contexto para mostrar que está livre do medo da morte, talvez a maior emancipação que um homem em vida pode ter.

Posteriormente, em outra ocasião relatada também pelo biógrafo da antiguidade: “A alguém que tentava convencê-lo a perseguir seu escravo fugitivo, sua resposta foi: “Seria ridículo, se Manes pode viver sem Diógenes, que Diógenes não pudesse viver sem Manes” (DIÓGENES, 2008, p. 166)”.

Aqui a ironia é mais visível, Diógenes, ao responder seu interlocutor veladamente, faz uma crítica feroz aos escravagistas, chamando eles próprios de escravos. Não respondendo diretamente a questão e ao mesmo tempo colocando outra, como se dizendo: “Eu, que sou o homem livre, e ele o escravo, por que eu preciso dele mais do que ele precisa de mim?”.

Sendo que a ironia aí se estabelece simplesmente para negar uma realidade ou um determinado contexto de vínculo. Funciona como uma não resposta, uma fragmentação no processo de interlocução. Há uma cisão no eixo de comunicação entre os interlocutores, sem que haja um simples negar-se a responder ou o vazio do silêncio. [...] A palavra se transforma em uma palavra atuante. (FACIOLI, 2010, p. 78)

Outro ponto profuso ao cinismo, que pressupõe a ideia de autonomia, é a noção de improvisação ou criação, “[...] Diógenes é representado como plenamente consciente do caráter improvisado e totalmente provisório de sua ‘filosofia’” (BRANHAM, 2007, p. 105). Tal fato também se conecta ao que observa o ex-professor de psicologia: “O espírito pode às vezes traduzir-se em silêncio, em sem-sentido (*non-sense*), em ausência, em lugar indecيدido, o espaço que semeia a criação. Sem espírito, não há criação (FACIOLI, 2010, p. 21)”.

A possibilidade de criação é muito importante na filosofia cínica por dois motivos: **1)** pelo próprio mote da filosofia cínica, isto é, o cinismo ser uma filosofia voltada para a prática, para ação. Isso produz a necessidade de um tipo de retórica diferente, capaz de ser articulada e reinventada em cada situação; **2)** pela ideia de improvisação estar relacionada com a noção de liberdade.

Mas se um retórico opera explorando “os meios disponíveis de persuasão numa determinada situação, [experimentando]-os e, quando eles começam a lhe ser adequados, [tornando-se] eles”, como diz um retórico contemporâneo parafraseando Aristóteles, então a atuação de

Diógenes pode ser analisado de maneira proveitosa sob a rubrica “improvisação ou “invenção retórica”. (BRANHAM, 2007, p. 104)

Ao se inovar em cada contato com seus interlocutores, colocando sua liberdade em teste e, assim, experienciando sempre uma nova abordagem filosófica, Diógenes está constantemente se afirmando como livre, um autárquico, tal como a escola cínica vislumbra. Essa improvisação – uma retórica exclusivamente cínica – é a síntese entre liberdade e ironia no cinismo.

É a afirmação do espírito. Pois somente o espírito é que pode pairar sobre as prisões da realidade, sejam estas prisões configuradas segundo critérios concretos ou normativos. O espírito não é definido de fora, pois somente ele pode definir-se a si mesmo. Assim, não está preso à lógica, à necessidade de definição. O espírito paira sobre as contradições, é puro movimento, puro recriar-se. (FACIOLI, 2010, p. 21)

Este aspecto autárquico, como enunciado pela citação de Adriano Facioli, também é importante para o ironista. Quem faz a piada deve ter o controle da situação, tem que ser capaz de se situar e conseguir brincar com a circunstância, sempre partindo de um posicionamento em que se coloca afastado de qualquer convenção prévia, sabendo que as convenções pressupõem estruturação e hierarquia.

Os ironistas, sobretudo os cínicos, são aqueles que jogam o mesmo jogo que o resto das pessoas, mas com suas próprias regras. Isto é, vivem no mesmo mundo, reconhecem que são regidos pelas mesmas leis naturais, mas, no entanto, conseguem ter um olhar estrangeiro às mesmas situações. Assim sendo, os melhores adjetivos para se descrever um cínico são, essencialmente, livre e irônico.

Ironia e liberdade

Tendo como seu método a ironia, e mesmo trazendo um conteúdo informal nas anedotas, suas críticas apresentam fundamentos éticos, muitas vezes ligados ao naturalismo, à autonomia humana e à racionalidade. No entanto, surge a questão que nos comprometemos a tentar responder no início do texto: por que Diógenes escolheu praticar seu filosofar assim?

Ironizar é, destarte, uma estranha forma de iluminar-se, de arrancar máscaras, dogmas, crenças e preparar uma tolerância, que brota diretamente de uma libertação, como já vira Sócrates, proporcionada pela ironia. Toda a ironia é uma forma de libertação e uma das formas mais acabadas de liberdade de pensamento e de linguagem. Donde a sua estreita ligação ao iluminismo e o seu inesgotável papel de transformação dos modos de relacionamento entre os seres humanos. (ESTEVEZ, 2009, p. 78)

Aqui podemos adentrar na noção de liberdade compreendida pelos cínicos. Em poucas palavras, liberdade no cinismo pode ser definida como a não submissão a nada que não seja sua própria natureza, ou seja, sua própria razão. Tal liberdade no cinismo pode ser exposta em duas partes, como já mencionado, a *parrhesía* e a *anaídea*. Ambas são levadas ao extremo pelos cínicos, o que levam a interpretações como esta, de Sloterdijk:

O *kynismos* antigo, ao menos em sua origem, é insolente por princípio. Em sua insolência há um método que merece ser desvendado. Ao lado dos grandes sistemas da filosofia grega – Platão, Aristóteles e a escola estoica –, esse primeiro “materialismo dialético” autêntico, que era também um *existencialismo*, foi considerado uma mera peça satírica, um episódio meio cômico, meio sujo: e com isso foi injustamente ignorado. (SLOTERDIJK, 2012, p. 153)

De nossa perspectiva, podemos tratar a insolência e a ironia cínica como praticamente a mesma coisa. Há no cinismo de Diógenes uma ânsia por afirmar sua condição de ser livre que culmina nas mais absurdas *chreiai*¹³, nas quais o filósofo rompe completamente as relações com a cultura clássica ateniense.

Isso pode ser explicado a partir do fato de que, na antiguidade, a liberdade não era algo dado, era preciso buscá-la, lutar por ela e por sua conservação. O cínico, buscando viver conforme sua razão, fazendo de si mesmo seu próprio governante, não reconhece a moral e os costumes que lhe são alheios. Grande parte das anedotas cínicas tem como pano de fundo essa negação das convenções - as tradições e convenções tendem a tolher a liberdade dos indivíduos.

O melhor artifício que Diógenes, como um cínico que prima pela sua liberdade, encontrou para mantê-la é se tornar um *performer*.

Ele [Diógenes] se apresenta ao mundo como um *performer* e um exibidor. Toda ideia e crença sua toma a roupagem de um gestual *físico* ou se expressa em asserções curtas, nas quais sua linguagem denota uma inequívoca função *física*. (NAVIA, 2009, p. 97)

¹³ “[...] caminha para trás através das ruas, adentra os teatros apenas quando as pessoas estão saindo, abraça estátuas cobertas de neve, rola na areia se os dias são quentes e caminha descalço no inverno, veste luvas de boxe para se proteger de um valentão, aponta as pessoas de quem não gosta com o dedo médio, limpa o catarro da garganta na cara de quem julga indigno, dorme num tonel ou nos pórticos, só aceita discípulos que estejam dispostos a carregar um grande peixe ou um pedaço de queijo em público, assovia em meio à multidão de modo a expressar seu descontentamento com um orador parvo [...]” (NAVIA, 2009, p. 98).

Paralelamente a isso, Adriano Facioli também faz uma leitura do ironista como um personagem, alguém que abre mão de sua identidade para representar, seja uma ideia ou outra pessoa.

A ironia, segundo a posição que adotarei, não é simplesmente uma ação da qual toma parte o ironista para aí dizer o contrário, do que pensa, mas muito mais essencialmente é a capacidade de abstração que nos situa na representação de um outro papel que não o nosso usual, ou o contrário deste. Não concebo o ironista somente como aquele que diz o contrário do que pensa, mas aquele que sustenta uma contrariedade, contradição ou ambivalência. (FACIOLI, 2010, p. 19)

Diógenes só pode sustentar essa condição de ambivalência, que o permite flutuar entre a moralidade, amoralidade e imoralidade, entre a civilidade e bestialidade, entre gregos e bárbaros, entre escravos e senhores, e por fim, entre a seriedade de suas convicções e a banalidade de seus atos, porque é livre.

E ele exerce sua liberdade sendo um personagem de si mesmo, e de certa forma, convidando seus interlocutores a reconsiderarem sua condição atual. Uma pré-condição para ser irônico é ser espirituoso. Nas considerações de Facioli, Diógenes seria, sem dúvida alguma, uma pessoa espirituosa. “Ser espirituoso é poder, em alguma medida, libertar-se, sempre de modo obtuso, mas de forma absurdamente justificável, daí o riso. Quando votado ao riso, a justificativa pelo absurdo é a saída do espírito (FACIOLI, 2010 p. 22)”.

Quando nos dedicamos a ler e interpretar algumas das anedotas de Diógenes vemos que este é, exatamente, o modo que ele escolhe para ser ouvido justamente pelo seu ato irônico e performático remeter imediatamente à liberdade.

Considerações Finais

No início do trabalho tínhamos o intuito de explicar como e por que os cínicos lançam mão da ironia em sua retórica filosófica, e, em que medida isto estaria alinhado com a noção de liberdade da escola.

Como demonstrado, no cinismo de Diógenes aparece os dois tipos de ironia, que Facioli classificou como observável e instrumental. Em algumas poucas vezes o Cão faz uso da observável a fim de buscar uma argumentação mais firme, que justifique os dogmas da escola, fazendo de todo o contexto da situação ferramenta de persuasão e ironia, como demonstramos no caso de suas vestes e apetrechos.

Quando Diógenes faz uso da ironia instrumental, faz quase sempre utilizando o expediente da técnica do *non-sense*. Podemos justificar isso a partir do que encontramos

na escola cínica, isto é, o combate cotidianamente travado contra os costumes gregos, que no entender de Diógenes, deveria ser constantemente revisado. A felicidade é que deveria ser desejada em si mesma, não tais costumes.

A felicidade, compreendida em seu sentido grego de εὐδαιμονία (*eudaimonia*, isto é, bem-estar), não pode ser definida em termos de bens, prazeres, conforto, poder, fama, erudição, vida longa, nem quaisquer outras coisas similares que, na visão das pessoas comuns, sejam seus componentes essenciais. (NAVIA, 2009, p. 166)

De certa forma, por mais chocante que fossem suas ações, Diógenes visava incitar seus concidadãos e alguns poucos discípulos a buscar adequadamente a felicidade, a saber, buscando-a pelo viés da razão, longe das ilusões, geradas em grande medida pelos costumes *polis*. “Diógenes dizia que imitava o exemplo dos instrutores dos coros; de fato, estes dão o tom mais alto para que todos os outros deem o tom certo” (DIÓGENES, p. 161, 2008).

Navia traduziu muito bem essa metáfora do “tom mais alto”:

Olhai-me, seus tolos e salafrários, sou um homem que parece ter abandonado a natureza humana e a capacidade de raciocinar e que, a propósito, parece ter-se tornado um cão. O que pensais de mim agora? Vós em contrapartida, que afirmais serdes humanos, sois piores que bichos, já que também vós abandonastes vossa natureza humana, mas de uma maneira muito mais formidável e real do que eu. Vós permitistes que vossas mentes se tornassem atrofiadas e debilitadas pelo fumo [*typhós*] produzido em vossa diligência em serdes algo que, por natureza, não sois. Eu vos observei por muitos anos, dia após dia, umas vezes, em meu tonel, outras, renitentemente andando para trás em meio a vós, e tenho sido testemunha de vossas depravações, enganos, idiotices e falta de juízo. [...] Por tudo isso, não mais vos falo: lato. [...] Talvez, pensei, chocando-vos com minha sem-vergonhice, enxovalhando de lama o capacho dos opulentos e pretensiosos, convertendo a mim mesmo em um *clown* intolerável que se autodenomina um cão e sempre está disposto a tudo dizer, possais vós, enfim, verdes em que vos tornastes, a saber, lamentáveis negações do que a natureza vos destinara a ser. [...] Agindo como um líder de um coro, entoei a nota tão alto quanto possível, esperando que, eventualmente, alguns dentre vós pudessem atingir a nota correta, já que tenho me agarrado à convicção de que não sois nenhuma matéria assim tão estúpida e opaca, cada um de vós pode ainda refletir sobre vossa condição, retornar a vossa verdadeira natureza e alcançar a meta que tendes procurado, mas por um caminho errado. (NAVIA, p. 170, 2009)

A ironia, desse modo, se tornou a melhor ferramenta que Diógenes encontrou para buscar sua felicidade e estimular outras pessoas, porque a felicidade para os cínicos está intimamente ligada a uma ideia de liberdade, independência, não subordinação. A

razão e o pensamento crítico, avivados pela mordaz ironia do Cão, promete libertar os homens de prazeres ilusórios e ordinários.

A ironia é, deste jeito, uma forma de apropriação do mundo e de si mesmo, suscitando desafios ou problemas, alternativas, numa polícroma escolha de possíveis, onde o modo conjuntivo prevalece sobre o modo indicativo, inseminando-se um no outro, no sentido em que a ironia é uma forma de liberdade imprescindível ao sujeito. (ESTEVES, 2009, p. 83)

Por buscar incansavelmente a felicidade é que a liberdade vira tem um valor poderoso para os cínicos. E é nesse sentido também que a ironia de Diógenes se torna a marca do cinismo. A escola busca a felicidade e esta, passa de forma invariável, pela obtenção da liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, M. Rir por quê? Ironia e pensamento, vida e morte em Kierkegaard e Woody Allen. IN: Revista Contemporanea, v. 7, n. 1, p. 1-13, jun. 2009.
- BRANHAM, R.B. Desfigurar a moeda. A retórica de Diógenes e a *invenção* do cinismo In: BRANHAM, R.B & GOULETCAZÉT, M.O. (ed.) *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.
- DESCARTES. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- DIÓGENES. In: MALHERBE, A. J. *The Cynic Epistles: A study Edition*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1977.
- ESTEVES, J. M. V. *Ironia e argumentação*. Covilhã: Livros LabCom, 2009.
- FACIOLI, A. *A Ironia: Considerações Filosóficas e Psicológicas*. Curitiba: Juruá Editora, 2010.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile & BRANHAM, R. B (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HOCK, R.F; O'NEIL, E.N. (org.). *The Chreia in Ancient Rhetoric, volume I: The Progymnasmata*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1986.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.
- MALHERBE, A. J. *The Cynic Epistles: A study Edition*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 1977.

MATEO, Marta. A tradução da ironia. IN: Cadernos de Tradução, v. 1, n. 25, p. 197-219, 2010.

MORRISON, D. R. (org.). *Sócrates*. Trad. André Oídes. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016.

NAVIA, L. E. *Diógenes, o cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

PINHEIRO, M, R. Ascese cínica e a oposição Nómos e Phýsis. IN: O que nos faz pensar? *PUC-Rio*, v. 30, p. 239-252, 2011.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: volume III*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad. Marco Casanova, Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Mauricio Mendonça Cardozo, Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.